



III Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

A era LDRV: a idiosincrasia do grupo

The LDRV era: the group idiosyncrasy

Rodrigo Duarte Bueno de Godoi

Palavras-chave: LDRV; Grupos; Facebook.

Lana Del Ray VEVO¹ ou LDRV teve seu início como página homônima no *Tumblr*. Mais tarde migrou para o Facebook como página e, logo após, começou a integrar seus seguidores em um grupo na plataforma. Os aparatos técnicos de criação e gerenciamento do grupo são exatamente iguais aos dos demais grupos existentes na plataforma *Facebook*, porém, o que se sobressai neste caso são os usos e as apropriações dos membros dessa comunidade.

Neste grupo existem regras que incidem sobre o comportamento dos membros, e neste sentido a moderação do grupo é rígida, uma vez que quem não as segue, é removido da comunidade. De alguma forma essas regras também explicitam e amparam o que grupo manifesta como propósito: “*ser uma válvula de escape dos tormentos cotidianos com postagens descontraídas e discussões saudáveis*”². Estas normas incidem também sob a noção do tipo de conteúdo que se quer ali dentro: conteúdos engraçados, originais e de preferência com tom de deboche. Para evitar conteúdos que *floodem*³ a comunidade,

¹ Página disponível no link a seguir: <<https://goo.gl/TWFaEX>>. Acesso em 25/01/2018.

² Proposta explícita na descrição do grupo, seção “sobre”.

³ Termo utilizado pelos membros para descrever algo repetitivo, que já foi postado por outra pessoa.



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

existem *Spinf-offs* (ou subgrupos) com destinações específicas, estes por sua vez, são como ramificações ligadas ao grupo principal, porém “independentes” e destinadas para discutir especificamente sobre um tipo de conteúdo (definido pela temática do grupo). Além disso, páginas no *Facebook*, *Twitter*, *Linkedin* e perfis no Instagram constituem essas ramificações. Essa comunidade é abertamente LGBTQ+⁴, e possui uma grande presença da cultura pop, principalmente no que concerne às divas pop norte-americanas.

O nome Lana Del Ray VEVO (e, portanto, sua derivação em sigla) surgiu do interesse do criador da página/grupo por cantoras alternativas, e pelo seu gosto pessoal pela cantora Lana Del Rey⁵. A sigla LDRV normalmente vem “acompanhada”, compondo assim, um nome para o grupo. Esse nome não é fixo, e possui um aspecto de mutabilidade. No momento, chama-se “LDRV Disk Me”, fazendo referência ao lançamento musical⁶ da cantora *Drag Queen* Pablló Vittar. Não se trata de um grupo de fãs, muito embora o imaginário sobre essas cantoras e sobre a indústria musical pop em geral esteja presente em muitas discussões. Além disso, o grupo já passou por 11 “eras” diferentes. O que se denomina como “era” são como *reboots*⁷ do grupo: em um determinado momento, a administração decidia abandonar o grupo e criar um novo, dando início a uma nova era. Em entrevista⁸, o criador do grupo explica que novas eras

⁴ Utilizo essa expressão por englobar todas as orientações sexuais e identidades de gênero. Referência Disponível em: < <https://ok2bme.ca/resources/kids-teens/what-does-lgbtq-mean/>>. Acesso em 25/01/2018.

⁵ Cantora, compositora, modelo e atriz norte-americana. Biografia disponível em: <<https://goo.gl/1YeY28>>. Acesso em 12/12/2018.

⁶ Vídeo lançado em 05/10/2018, disponível no link a seguir: <<https://www.youtube.com/watch?v=pHKjk1Dtegc>>. Acesso em 06/12/2018.

⁷ Quando algo é reiniciado, “começado do zero” novamente.

⁸ Entrevista disponível no link a seguir: < <https://goo.gl/4W3Fdn>>. Acesso em 06/12/2018.



III Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

eram criadas pelo aspecto experimental do grupo: não sabiam como lidar com grande número de membros, e criando um novo grupo era mais fácil moderá-lo, conseguindo assim, corrigir erros de eras anteriores.

Este trabalho compõe uma dissertação de mestrado em andamento, inserida na linha de pesquisa Mídia e Processos Sociais do PPGCC da Unisinos. E para tal, diante deste contexto empírico, delimita-se o problema de pesquisa até o momento da seguinte maneira: de que forma os atores sociais criam e mantêm laços identitários através de grupos no Facebook?

De forma transversal, entende-se que o caso deste objeto em construção está inserido em um processo de mídia da sociedade, e paralelamente para sobre as redes sociais digitais da internet, mais especificamente sobre o Facebook.

A partir de movimentos de idas e vindas aos empíricos e também de uma articulação com a biblioteca disponível sobre o fenômeno de mídia, *a priori* associamos o objeto ao conceito de comunidades de sentido (Janotti Jr., 2003) entendendo que essas comunidades não são estabelecidas de acordo com a sua geolocalização, e que, portanto, rompem as barreiras da distância geográfica. Nesse sentido, as fronteiras delimitadoras da distância física passam a não ser um impedimento para o compartilhamento e coexistência de um universo de sentidos construídos através (e nesses) agrupamentos sociais.

Partindo de alguns indícios encontrados nas observações primeiras do objeto, entende-se que o grupo se autorregula a partir de regras que são aceitas voluntariamente. Ao solicitar entrada no grupo, o ator social precisa responder a um questionário, o qual apresenta as diretrizes do grupo. Ao entrar, na seção “sobre” ficam expostas as normas estabelecidas pela administração do grupo. A partir disso, inferimos que o conjunto de regras ali elencadas - embora em alguma medida soem como imposição – são aceitas a partir de um acordo tácito por parte dos membros e da administração grupo. Nestes acordos subentendidos, há um claro jogo de interesses: pelos membros em querer interagir



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

dentro desta comunidade, e pela administração em aceitar no grupo apenas quem esteja de acordo com as regras ali elencadas. Porém, entendemos também que ao partir da ideia de aceitação tácita - pura e simples - das regras, corremos o risco de um reducionismo da complexidade das lógicas próprias do objeto. Neste sentido, há que se observar os embates e apropriações dos membros dentro do grupo, compondo um comportamento que nem sempre está preocupado em seguir as normas estabelecidas.

Outro aspecto observado é a criação e o uso de imagens (como por exemplo memes) produzidas e/ou editadas a partir de softwares, desvelando assim um o processo de apropriação imagética que necessita de domínio de técnica para que se efetive. É possível verificar o atravessamento do domínio de softwares na produção de imagens que são ressignificadas pelos atores interagentes dentro da comunidade.

Outro aspecto que inferimos é o processo tentativo de criar um espaço que seja alternativo as lógicas do próprio Facebook. Percebe-se que há um esforço da administração do grupo em estimular os membros para que não façam posts repetitivos. Numa plataforma que valoriza a ideia de que um conteúdo compartilhado ao mesmo tempo por milhares de pessoas é sinônimo de algo bem-sucedido, neste espaço busca-se o contrário: conteúdos que teoricamente tenham uma certa originalidade. Quando algum assunto, post, conteúdo e/ou meme passa a ser repetitivo ele é visto como algo saturado, algo cuja quantidade já cruzou a tênue linha do que é engraçado e passa a ser visto como mais do mesmo.

Além disso, há outro indício que nos aparenta ser relevante: Uma das regras estabelecidas é bastante enfática quando explicita que “o que se posta no grupo, deve ficar no grupo”. Assim, a sensibilidade e privacidade de cada membro ao expor algo de sua intimidade é preservada a partir de uma noção de coletividade. A partir deste indício, infere-se que há uma tentativa de criar um espaço seguro para conversação. Compartilhar algo íntimo no grupo e tentar manter isso dentro dele, é algo que reforça um sentido de pertença que é compartilhado pelos membros e pela administração do grupo.



III Seminário Internacional de Pesquisas em **Midiatização** e Processos Sociais

Evidencia-se também que a interação entre os atores na maioria das vezes possui um tom de cotidianidade, salientando o aspecto de não preocupação com rituais de formalidade em interações. Denota-se a partir disso a noção que os membros têm deste grupo como um lugar descontraído e onde encontrará outros atores com interesses em comum. Silverstone (2010) defende que as tecnologias mediáticas possuem um lugar cada vez mais presente na cotidianidade, e, portanto, papel importante no modo como as pessoas organizam a sua vida. Pensar sobre essas incidências é fundamental para tentar entender o que a sociedade faz e que tipo de relações se criam a partir da confluência da vida cotidiana com a tecnologia.

A presença de signos, conceitos e sentidos da cultura pop dentro deste grupo também oferece alguns indícios importantes para reflexão. Como já descrito, o grupo principal é abertamente voltado para a comunidade LGBTQ+, e frequentemente alguns elementos da cultura pop – principalmente no que diz respeito as divas pop – circulam e são ressignificados por estes sujeitos. Porém, a presença destes modos de ressignificação nos leva a pensar sobre como alguns elementos da indústria cultural não são aceitos de modo “puro”, mas precisam passar por um processo de “remodelagem” para fazer sentido dentro do grupo. A construção de um humor específico, que passa por linguagens, símbolos, e características próprias da comunidade são alguns traços dessa ressignificação.



III Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

Figura 1 – exemplo de ressignificação⁹



Fonte: acervo do autor

Uma das regras estabelecidas explicita a tentativa de não ter discussões políticas no âmbito ideológico, social e econômico dentro do grupo, uma vez que o propósito da

⁹ Este post faz alusão a uma *fanfic* do caso romântico de Selena Gomez e Faustão. No post o ator ironiza com duas fotos da cantora.



III Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

comunidade é ser um lugar de descontração. A partir disso, podemos inferir que supõe-se que há uma compreensão tácita por parte de todos os membros sobre as necessidades, urgências e adversidades ligadas a questões pertinentes a comunidade LGBTQ+, e que pelo grupo ser explicitamente destinado a estes sujeitos, a construção de um espaço preocupado em trazer humor e segurança para interação já se torna um discurso que de certa forma já é politizado, ancorado na coletividade. Não querer discussões políticas, evidencia uma busca pela manutenção do propósito do grupo e uma preocupação com os seus membros.

O grupo principal possui um aspecto de mutabilidade. Inferimos que de certa forma, essa identidade mutável passa também por uma noção de identidade coletiva, que mesmo se transformando de tempos em tempos ela representa ideais e cosmovisões dos interagentes do grupo. A construção de um nome composto que vai sendo alterado, as identidades visuais do grupo bem como as próprias regras que vão sendo adaptadas, são alguns dos indícios dessa inconstância e versatilidade do grupo.

Considerando sobre as condutas nos ambientes digitais, Rodrigues e Braga (2015) apontam que “a ausência de regulação formal (...) faz com que a produção de representações culturais no contexto digital seja autorregulada por constrangimentos interacionais, na forma de críticas, interpelações, ou mesmo de estratégica indiferença” (RODRIGUES e BRAGA, 2015, p. 44). No objeto aqui sendo observado, essa espécie de “autorregulação” produzida, seguida e afirmada pelos próprios atores, se dá de forma rígida e explícita, através do banimento/remoção do ator social que não seguir as regras da comunidade. Ou seja, nestes grupos a aparente regulação (mediada pela possibilidade técnica da ferramenta) feitas pelas administrações, excluem membros que fogem do regramento proposto pelo grupo, o que de certa forma ultrapassa a ideia de um constrangimento interacional.

Paralelamente nestas observações, surgem alguns paradoxos que nos lembram em alguma medida configurações e lógicas do que é entendido como “sociedade dos meios”,



III Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

onde havia uma centralidade dos meios nos processos de interação e circulação das informações (Fausto Neto, 2006). Este paradoxo efetivamente se constitui a partir do momento em que enxergamos estes atores sociais inseridos em lógicas próprias no processo de mediatização, reproduzindo e mantendo regramentos e códigos dentro do grupo, deixando o acesso a ele mediado por uma possível (ou não) aceitação. Há uma certa alusão ao fato de que o aspecto técnico da plataforma em possibilitar a uma comunidade ser fechada, media as relações entre as pessoas, nos lembrando assim lógicas da “sociedade dos meios”, muito embora nesse caso essa mediação seja feita pelos próprios atores sociais.

A “era LDRV” é neste sentido uma alusão as práticas, estratégias e táticas que trazem à tona as peculiaridades do grupo. Segundo o dicionário Aurélio, a idiossincrasia se define como: “*Maneira própria de ver, sentir, reagir, de cada indivíduo*”, e neste sentido, as características particulares desse grupo somam-se e constituem um modo complexo de agir dessa comunidade, tanto para fora de si quanto em suas lógicas internas.

Referências bibliográficas

FAUSTO NETO, Antonio. Mediatização – Prática social, prática de sentido. Trabalho apresentado no GT Políticas e Estratégias de Comunicação do **XV Encontro Anual da Compós** – UNESP – Bauru, 6 a 9 de junho de 2006. 15 pp. Disponível em: <http://www.compos.org.br/data/biblioteca_544.pdf>. Acesso em 12/12/2018.

FERREIRA, Aurélio Buarque de H. Minidicionário. **Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

RODRIGUES, Adriano; BRAGA, Adriana. Interação, discurso, e espaço público em ambiente digital. In: CASTRO, Paulo César (org.). **Dicotomia público/privado: estamos no caminho certo?**. Maceió: EDUFAL, 2015.



III Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

SILVERSTONE, Roger. **La moral de los medios de comunicación**. Sobre el nacimiento de la polis de los medios. Buenos Aires: Amorrortu, 2010. 288p.

JANOTTI JR., Jelder Silveira. **Mídia e Cultura Juvenil: das comunidades de sentido e dos grupamentos urbanos**. 2003. Anais Compós XII: Recife/PE. Disponível em: <http://www.compos.org.br/data/biblioteca_944.pdf>. Acesso em 23/11/2018.